

TERRA - O RETORNO A ELA MESMA

EARTH: THE RETURN TO ITSELF

Aionara Preis Gabriel / UDESC

RESUMO

Este texto propõe outro modo de olhar para a paisagem e a natureza a partir de uma intervenção artística ocorrida no ano de 2019 na barragem de Rio do Salto, município de Timbé do Sul (SC). A intenção com esta proposição foi problematizar as alterações visuais e sensíveis provocadas pela exploração ambiental naquela antiga comunidade e revelar o processo de criação na linguagem da cerâmica e sua materialidade. Essa ação foi centrada, especialmente, na relevância da terra como matéria na arte contemporânea em sua interação com a paisagem/natureza e faz parte de minha prática artística que integra a formação no mestrado em artes visuais onde investigo como a cerâmica contemporânea pode contribuir para metodologias de ensino.

PALAVRAS-CHAVE

Cerâmica; Arte contemporânea; Terra; Paisagem; Natureza.

ABSTRACT

This text proposes another way of looking at the landscape and nature from an artistic intervention occurred in the year 2019 in the Rio do Salto dam, in the municipality of Timbé do Sul (SC). The intention with this proposition was to problematize the visual and sensitive alterations provoked by the environmental exploration in that old community and to reveal the process of creation in the language of the pottery and its materiality. This action was focused especially on the relevance of land as a subject in contemporary art in its interaction with the landscape / nature and is part of my artistic practice that integrates formation in the masters in visual arts where I investigate how contemporary ceramics can contribute to education methodologies.

KEYWORDS

Ceramics; Contemporary art; Earth; Landscape; Nature.

Apresentação

Durante meu percurso, realizando o Mestrado na linha de pesquisa Ensino das Artes Visuais, junto ao Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais - PPGAV/UDESC, participei de um seminário temático¹, que ocorreu no segundo semestre de 2018 e que consistia em saídas a campo – culminando em uma proposta de atividade seguida da reflexão teórica. Estas tinham a intenção de nos colocar em contato sensível a partir de caminhadas que aconteceram em quatro lugares distintos da cidade de Florianópolis/SC, a saber: Trilha em Ratores/Costa da Lagoa; Costa de Dentro e Gravatá, além de uma travessia pela Ponte Pedro Ivo Campos que liga a ilha de Florianópolis ao continente. Intercalando com as saídas, coube a reflexão teórica com base em textos que abordavam a paisagem, a natureza e caminhadas como práticas artísticas. A intenção de abordar as teorias após as caminhadas foi para que não realizássemos as trilhas e práticas com ideias pré-concebidas, alicerçadas em teorias pré-estabelecidas.

Em todas os caminhos percorridos, a terra sempre esteve presente, as vezes em maior e outras em menor intensidade. Por ser uma matéria de grande interesse pessoal, procurei estabelecer relações sensoriais e essenciais da terra com a paisagem. Este movimento inicial levou-me a um local visitado há aproximadamente dois anos atrás, próximo a minha cidade natal Meleiro/SC: uma extração de argila a céu aberto. As cores, os rastros das máquinas impressas na argila, as montanhas e buracos decorrentes das escavações, constituíram uma nova paisagem, tão linda quanto violenta. Esta inquietação, foi o que me levou novamente para este lugar, a fim de tentar devolver de forma simbólica à natureza, um pouco da particularidade perdida.

Expedição

O local de extração da matéria-prima argila pertence a comunidade de Rio do Salto, no município de Timbé do Sul (SC). Há mais de 10 anos tramita um processo de construção de uma barragem para reservatório de água que leva o nome da

comunidade - Barragem Rio do Salto - e que abastecerá os municípios de Timbé do Sul, Turvo, Ermo, Morro Grande, Meleiro e Araranguá, minimizando os problemas de abastecimento de água potável, contenção de cheias e, principalmente, os problemas causados pela rizicultura de irrigação².

Como em todos os lugares, a instalação de barragens provoca uma reordenação territorial, impondo a população uma evasão que acarreta na perda da identidade, tanto individual quanto coletiva, como também de bens materiais e das relações pessoais, sendo quase impossível transferir e refazer a vida da mesma forma em outro lugar (ARCARO; GONÇALVES, 2012, p. 40). Hoje, em Rio do Salto, se encontram poucas casas habitadas, sendo que a grande maioria construída em madeira foi transportada de caminhão e as construções restantes de alvenaria estão em ruínas. As informações sobre as indenizações, bem como o andamento do projeto, são insuficientes e desatualizadas.

Enquanto este trâmite burocrático não avança, as indústrias de cerâmica da cidade de Criciúma, estão em atividade na extração da argila. A licença ambiental para extração da matéria-prima vai até 2022, informação identificada em uma placa no início da jazida. Embora não apresente data do registro, é possível perceber a modificação da paisagem pelas imagens do Google Earth.



Figura 1. Imagem capturada pelo Google Earth da extração de argila em Rio do Salto/SC (2019).

Fonte: <https://earth.google.com/web/@-28.82330846,-49.77144105,115.38108006a,1352.61132289d,35y,0h,0t,0r>

Meleiro, cidade natal que visito frequentemente, fica à 15,4 km de distância de Rio do Salto. A primeira visita a este local aconteceu de forma despretensiosa, pois não sabendo da existência desta extração de matéria-prima, deparei-me com montes de argila de cores variadas e pequenas piscinas de água cristalina. Nesta primeira visita, coletei argila de cor verde clara, lilás e marrom clara, para testes e uso em minha produção cerâmica.

A segunda visita aconteceu em janeiro de 2019, quando o seminário temático mencionado já havia finalizado. Embora tenha ido cedo, antes das 7h da manhã, não foi possível explorar todo o local, pois já haviam caminhões esperando para serem carregados e as retroescavadeiras já estavam chegando. Para não atrapalhar o fluxo, fiz alguns registros fotográficos e coletei um pouco de material.



Figura 2. Nascer do sol na jazida de argila em Rio do Salto/SC (2019). Fonte: Aionara Preis Gabriel.

Para que pudesse realizar a ação desejada, foi preciso regressar a jazida em outro horário em que as máquinas não estivessem operando, podendo então circular sem perturbação. Com o material preparado para utilizar em minha proposta de interferência nesta paisagem, aguardei pelo momento de retornar ao local.

TERRA - ELEMENTO SIMBÓLICO

A terra, é um elemento material capaz de evocar sentidos sensoriais devido ao seu potencial físico, por estar associada ao nascimento e morte, a história da humanidade, a religião e a tradições culturais. Sendo uma das polaridades do binômio céu-terra, esta matéria passou a ser utilizada na arte moderna e contemporânea explorando sua fisicalidade, bem como questões simbólicas a ela associada. Louise Ganz (2015, p. 13), discute sobre as mudanças do interesse do artista pela natureza estarem associados não mais a sua representação mimética, mas pela complexa relação entre natureza e cultura, incorporando no campo artístico, os problemas políticos e ambientais. A partir dos anos 60, houve um crescente número de artistas interessados em abordar fisicamente a natureza, propondo relações entre a mesma e o corpo, movendo montanhas, ressignificando a paisagem pelo uso de máquinas, caminhões e ferramentas de outros usos.

Este interesse dos artistas pela paisagem natural é o que caracteriza a land art, movimento artístico que integra o trabalho à natureza, utilizando-se de recursos naturais e posicionando-se contra os espaços institucionais da arte. Neste movimento artístico é a experiência dos lugares e dos processos de criação em arte que movimentam a intenção do artista, uma vez que estas são predominantemente efêmeras. Anne Cauquelin (2005, p. 143), situa este interesse do artista dentro movimento: "a land art reforça a ocupação de um território vazio, sem função específica, que a obra então faz existir como local marcado, dotado de um coeficiente de arte e que, sem tal ação, permaneceria desabitado." Assim como o local, a matéria também passa a ser explorada em sua potencialidade, motivados por questionamentos dos procedimentos e fazeres artísticos.

Robert Smithson, foi um dos grandes artistas da land art que relacionava as transformações geológicas aos processos de pensamento, numa relação íntima entre vida e a formação de suas esculturas:

A mente e a terra encontram-se em um processo constante de erosão: rios mentais derrubam encostas abstratas, ondas cerebrais

desgastam rochedos de pensamento, ideias se decompõem em pedras de desconhecimento, e cristalizações conceituais desmoronam em resíduos arenosos de razão (SMITHSON, 2006, p. 182).

Para Smithson, a reconfiguração dos lugares pelos sistemas de produção industrial coloca os locais como potencial para o desenvolvimento de projetos artísticos que problematizem as questões ambientais e sociais. Sua produção artística que relacionava natureza e meio ambiente, de forma que houvesse uma decomposição da ordem em caos, tinha uma predisposição para modificar e manipular a paisagem em grande escala (ARCHER, 2001, p. 96).

Esta mudança no contexto artístico fez do barro, matéria intimamente ligada à história da escultura e às tradições acadêmicas, uma ferramenta em potencial, que devido a sua materialidade e questões simbólicas associadas, possibilita diferentes usos na arte contemporânea. A artista holandesa Alexandra Engelfriet executa uma espécie de luta contra a matéria em meio a natureza, desprovida de qualquer ferramenta ou maquinário. Utilizando materiais moldáveis como: argila, areia e vidro, somados à interação física com seu próprio corpo, a artista abandona o ateliê e busca outras formas de modelar a argila na natureza e com a natureza (BLACKIE, 2017, p. 17). Aqui, a matéria assume uma identidade autônoma.



Figura 3. Alexandra Engelfriet, *Mixed Blood* (2017). Fonte: <https://www.alexandra-engelfriet.nl/view.php?Album=Mixed%20Blood,%20the%20making&Page=projects&PhotoSetId=72157683571953784&PhotoId=35121133074>

Os lugares externos escolhidos, sejam eles bosques, pátios ou jazidas, sofreram alguma intervenção, proposital ou não, para a execução dos trabalhos, como por exemplo, a abertura de trincheiras ou despejos de materiais. Em dimensões colossais, Engelfriet escava pedaços de terra e preenche com enormes quantidades de argila, utilizando mãos, pés, cotovelos, quadril e joelhos, para modelar. Com estes gestos rítmicos e violentos de socos, empurrões e chutes, a artista estabelece uma interação física direta entre o seu corpo e o barro, em uma experiência sensorial. Através desta interação física que envolve todo seu corpo, nesta luta entre moldar e ser moldada, no movimento entre dar e receber, permanece o rastro do corpo em escala de tempo geológico. Em alguns trabalhos, a fim de solidificar seu movimento na cerâmica, Engelfriet constrói uma grande fogueira em volta destes rastros.

Kátia Canton (2009), reitera este movimento do artista de sair das instituições e realizar a arte na paisagem, sendo também um desejo de percorrer outros territórios intimamente.

A ação na natureza se deve também ao desejo desses artistas de buscar a solidão ou a meditação como contraponto à urbanização crescente. Em suma, a possibilidade de realizar uma construção junto à natureza, muitas vezes no isolamento, incita uma experiência estética inovadora (CANTON, 2009, p. 19).

Estes trabalhos que incorporam os vestígios deixados pelos sistemas de produção industrial, assimilando os processos ambientais e industriais, disseminam outros campos de conhecimento da arte. Se inicialmente o artista ocupou-se da geografia tendo a terra como matéria física, posteriormente a arte ocupou-se da geopolítica, "pois os artistas estão mais atentos às dinâmicas socioambientais, inclusive propondo uma investigação dos discursos e dos acontecimentos em escalas mundial e local" (GANZ, 2015, p. 19).

A paisagem, local do trabalho do agricultor, da contemplação visual, de possibilidades relacionais, tem sido transformada diariamente pelos modos industriais de produção. A visão do ser humano para a natureza tem sido de

transformação e extração de recursos naturais. Em Rio do Salto (SC), por exemplo, as cachoeiras e a formação montanhosa são vistas como potenciais para a construção de uma barragem de reservatório de água. A diversidade da fauna, flora e da formação rochosa presentes no local, são aspectos irrelevantes diante das necessidades do indivíduo. Além da extração da matéria-prima argila, há também muita madeira sendo retirada sistematicamente.

Desse modo, a terra torna-se um instrumento de dominação, com riqueza a ser retirada, concentrando interesses nas mãos de poucos indivíduos. Louise Ganz (2015, p. 43), diz que este conjunto de informações faz surgir uma outra paisagem: aquela construída pelas máquinas e pelos métodos de produção em grande escala.



Figura 4 - Montes de argila (2019). Fonte: Aionara Preis Gabriel.

Os montes de argila observados na imagem acima, são acomodados desta forma propositalmente pelo explorador da terra. Após a escavação, a matéria-prima deve ficar descansando sob as intempéries climáticas, num processo chamado popularmente de maturação. Este processo deve ser feito para que os sais solúveis sejam eliminados, uniformizando a distribuição de água e consequentemente melhorando sua plasticidade. Segundo Chitti (1990, p. 41), "Devido al conocimiento de este hecho, todos los pueblos alfareros, desde las épocas más remotas, dejan

envejecer o invernar las arcillas antes de usarlas". Mesmo ciente dos dados técnicos, a organização destes montes de argila dialoga com a formação montanhosa do local. Esta reconfiguração da paisagem, ainda que genérica, torna-a variável, suscetível a mudanças, contrapondo-se com a imobilização das montanhas naturais.

Em meio a esta ação invasiva do ser humano, da apropriação dos recursos naturais, da violência bruta das máquinas, do interesse econômico e soberano, pode haver a sutileza do gesto de devolver à terra o que dela foi retirado. Para tanto, modeliei potes de argila e os organizei em um barranco da jazida, de modo a intervir nesta paisagem. Gaston Bachelard (2013, p. 72), escreve acerca do fascínio que as matérias podem exercer sobre o ser humano:

A matéria pura vive, sonha, pensa e se esforça como um bom operário. O sonho da amassadura elevasse assim ao nível cósmico: no sonho do ceramista, a mina de argila é uma imensa masseira onde as terras diversas se amalgamam e se misturam aos fermentos.

Assim, a medida que o artista se envolve com a matéria, percebe que existem forças invisíveis que trabalham junto, alternando os resultados. Esta relação é um processo lento e silencioso, que acontece em movimentos simultâneos de dentro para fora e de fora para dentro.

O rastro das mãos que conferem textura aos potes modelados cuidadosamente, contrastam com as marcas deixadas pelas máquinas no chão. Não há trabalho que possa restaurar estas transformações e perdas geológicas, é uma devolução materialmente insignificante diante das toneladas de argila já retiradas. Este processo é visto no campo artístico, pelo conceito de entropia, onde "procura-se mensurar a parcela de energia que não pode mais ser transformada em trabalho". (GANZ, 2015, p. 16).



Figura 5. Intervenção com potes na paisagem (2019). Fonte: Aionara Preis Gabriel.



Figura 6. Detalhe - intervenção com potes na paisagem (2019). Fonte: Aionara Preis Gabriel.

Nessa paisagem, possuidora de formas e cores, odores, sons e movimentos, pude experimentar diversas sensações que atravessaram meu corpo em infinitas variações. Para Gilles Deleuze e Félix Guattari (2004, p. 213), arte se compõe de *perceptos e afectos* de modo a sensibilizar aquele que a olha. Por isto "A obra de arte é um ser de sensação, e nada mais: ela existe em si." Nesse sentido, é por meio da paisagem que os elementos que integram o espaço, saltam aos olhos daquele que a contempla, gritam aos seus ouvidos, envolvendo-o nas suas dimensões sensíveis, propondo e provocando outro modo de olhar.

Anne Cauquelin (2007, p. 118), considera que o artista representa a paisagem unindo os elementos e valores culturais, reordenando a maneira que percebe o mundo.

Que a paisagem que se enuncia diante de mim e me oferece sua proposta preencha as condições de sua produção entre o espetáculo que tenho diante de mim e a forma geral na qual ela deve se mover para que eu possa apreendê-la.

Nessa perspectiva, a paisagem é pensada pelo viés cultural e está ordenada pela experiência perceptiva. Podemos observar uma jazida de argila, mas ela só é percebida porque elementos como a sensibilidade, as lembranças e a imaginação são ativados, estando para além dos elementos visuais. Será preciso estar atento às diferentes maneiras de ver e sentir a natureza tendo em vista sua inteireza para poder captar esse processo.

RETORNO A TERRA

O barro para transformar-se em cerâmica, enquanto técnica tradicional, necessita passar pela prova do fogo para adquirir resistência. Na arte contemporânea a cerâmica toma outras dimensões de conceitos e técnicas, renunciando muitas vezes o uso do fogo, das ferramentas e dos procedimentos usuais. Isto tem conferido versatilidade e principalmente potencialidade à esta matéria-prima, que comparada ao ser humano, é tão maleável, adaptável e efêmera quanto os potes de argila que modelo e devolvo à natureza. Anne Cauquelin (2008, p. 124) descreve que "a

natureza, pura exterioridade, passa a ser também pura interioridade" quando a presença de uma suposta autoria por trás da obra é apagada e um sentimento íntimo de perfeição é atingido pela mediação da natureza (exterioridade).



Figura 7. Caminhando em meio a jazida (2019). Fonte: Aionara Preis Gabriel.

Pensar a paisagem para além de um espaço geográfico composto por elementos naturais, artificiais, visuais, táteis, etc, é buscar outros modos de se relacionar com a sociedade a partir da natureza. O contato com esta paisagem devastada pela exploração ambiental foi o que desencadeou pensar sobre o processo de criação de uma intervenção, geradora de possíveis desdobramentos.

Por certo tempo os potes permaneceram no local, intocáveis, como em uma exposição, porém sem público, até a chegada da chuva ou da próxima jornada de trabalho dos operadores de máquinas. O que permaneceu foram os registros, que comprovam os rastros desta ação, uma presença de ausência. Ao tentar trazer as características e os significados presentes da comunidade do Rio do Salto, esta proposta de trabalho teve a intenção de problematizar as alterações visuais e sensíveis presentes em sua paisagem, para então propor outros modos de olhar a natureza e a terra a partir da linguagem cerâmica na arte contemporânea.

Notas

¹ Seminário temático: Rastros da Natureza em Pesquisas Poéticas ministrada pela Prof.^a Dr.^a Sandra Maria Correia Fávero.

² Rizicultura de irrigação é uma técnica de cultivo do arroz que necessita grande demanda de água. Informações sobre o processo mencionado: MPF/SC: estudos sobre impactos ambientais da barragem do Rio do Salto são insuficientes. Disponível em : <http://www.mpf.mp.br/sc/sala-de-imprensa/noticias-sc/estudo-sobre-impactos-ambientais-da-barragem-do-rio-salto-sao-insuficientes-sc>.

Referências

ARCARO, Rosevane; GONÇALVES, Teresinha Maria. **Identidade de lugar: Um estudo sobre um grupo de moradores atingidos por barragens no município de Timbé do Sul, Santa Catarina**. Revista Ra'e Ga, v. 25, 2012. Disponível em: <file:///C:/Users/Michel/Downloads/28003-102659-1-PB.pdf>. Acesso em 18 mai 2019.

ARCHER, Michael. **Arte Contemporânea: Uma história Concisa**. São Paulo, Martins Fontes, 2001.

BACHELARD, Gaston. **A terra e os devaneios da vontade: ensaio sobre a imaginação das forças**. [La terre et les rêveries de la volonté, tradução de Maria Ermantina Galvão] 4.ed. São Paulo: Editora WMF. Martins Fontes, 2013.

BLACKIE, Sebastian. **Embodying The Landscape**. The Journal of Australian Ceramics, April 2017. Disponível em: <http://www.alexandra-engelfriet.nl/pdf/JAC-561-BLACKIE-ON-ENGELFRIET.pdf>. Acesso em 01 jun 2019.

CANTON, kátia. **Espaço e lugar** - Coleção Temas da arte contemporânea. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

CAUQUELIN, Anne. **Arte contemporânea: uma introdução**. São Paulo, Martins Fontes, 2005.

CAUQUELIN, Anne. **A Invenção da Paisagem**. São Paulo, Martins Fontes, 2007.

CHITI, Jorge Fernández. **Curso Practico de Ceramica** - Tomo 1. Ediciones Condorhuasi, 1990.

CÉZAR, Jairo. **Barragem do Rio do Salto/Timbé do Sul: seus impactos e conflitos socioambientais e as incertezas quanto ao futuro da região**. 2013. Disponível em: <http://morrodosconventos-jairo.blogspot.com/2013/04/barragem-do-rio-do-saltotimbe-dosul.html>. Acesso em 18 mai 2019.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia**. Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Munhoz. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2004.

GANZ, Louise. **Imaginários da terra: ensaios sobre natureza e arte na contemporaneidade**. 1. ed. – Rio de Janeiro: Quartet: FAPERJ, 2015. 184 p.



28º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas
Origens - Cidade de Goiás - 16 a 20 de setembro de 2019

SMITHSON, Robert. **Uma sedimentação da mente: projetos de terra**. In. FERREIRA, Glória; COTRIM, Cecília. (org). *Escritos de Artistas: anos 60/70*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006. P. 182-197.

Aionara Preis Gabriel

Mestranda no Programa de Pós Graduação em Artes Visuais (PPGAV/UDESC), na linha de Ensino das Artes Visuais, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Elaine Schmidlin; bolsista CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior; Membro do Grupo de Pesquisa Entre Paisagens UDESC/CNPq; graduação em Bacharelado (2014) e Licenciatura (2018) pela UDESC - CEART; Atualmente ministra cursos de cerâmica oferecido pelo DAC-UFSC e em ateliê particular.

GABRIEL, Aionara Preis. Terra – o retorno a ela mesma, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 1477-1490.